



Fernão Bracher

Bracher continua no BC

As notícias de demissão do presidente do Banco Central, Fernão Bracher, não têm qualquer fundamento, segundo afirmou ontem um assessor direto do presidente da República, ao explicar que o que se quer é criar "um bode expiatório" dentro da área econômica do Governo em razão das falhas do Plano Cruzado.

De acordo com esse assessor do Palácio do Planalto, apesar das fortes pressões que membros da assessoria direta do ministro da Fazenda vêm promovendo para mandar Bracher de volta ao Bradesco, o Governo não está disposto a fazer nenhuma substituição na equipe econômica, pelo menos por enquanto. Para esse funcionário, não faz sentido querer atribuir todas as falhas da política econômica ao presidente do Banco Central, que estaria insistindo na manutenção da política de taxas elevadas dos juros, porque essa é uma orientação decorrente do próprio Governo.

A realidade é que, desde o Cruzado II, quando as taxas de juros dispararam para o alto, chegando até a 600% ao ano, formou-se na equipe do Ministro da Fazenda uma corrente contra a permanência de Fernão Bracher no Governo liderada pelo assessor especial Luiz Gonzaga Beluzzo e engrossada pela economista Maria da Conceição Tavares, assessora de João Sayad, da Seplan, e também da direção do PMDB nas discussões do ajuste da política econômica. O grupo seria integrado ainda, entre outros pelo senador Severo Gomes, de São Paulo, e deputado Euclides Scalco, do Paraná, um dos esculdeiros do deputado, Ulysses Guimarães.

O presidente do Banco Central vem, porém, se distanciando do grupo de frente que está encarregado de amarrar o Cruzado III e, provavelmente, não participará dos encontros que o ministro Dílson Funaro terá hoje em São Paulo para acertar os últimos detalhes do novo pacote.